



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

ATUAÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA VIVA MULHER NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.

CARLA MAILDE FEITOSA SANTA CRUZ

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), carlacavn@hotmail.com

Resumo: O Coletivo Viva Mulher nasceu da inquietação de mulheres de uma pequena cidade no Cariri Paraibano, que após vivenciarem, no intervalo de três dias, dois graves casos de violência doméstica e familiar, resolveram se unir e buscar formas de denunciar, mostrar inquietação e lutar por ações efetivas e políticas públicas de enfrentamento a violência contra as mulheres na cidade de Sumé-PB. O Coletivo é formado por mulheres voluntárias e atua em diversas frentes, desde a organização de atos públicos, realização de palestras, composição de mesas em debates, participação em programas de rádio, sessões na câmara de vereadores, reuniões de associação de bairros, encontros formativos, promoção e organização de audiências públicas entre outros espaços de discussão que buscam dar visibilidade a grave violação de direitos que sofrem as mulheres. Frente a crise de coletividades que vivenciamos, ter duas ou mais mulheres reunidas a fim de discutir e buscar caminhos para enfrentar o grave problema da violência contra as mulheres é para nós encorajador. Dar visibilidade aos casos de feminicídio ocorridos na cidade de Sumé-PB e na região do Cariri Paraibano tem sido uma bandeira constante, seja através das redes sociais ou da realização de notas públicas que colocam em evidência a necessidade de investigação, tipificação e punição dos agressores.

O Município de Sumé-PB, localiza-se na região do Cariri Paraibano e tem aproximadamente 16.060 habitantes (IBGE, 2010). É uma pequena cidade onde quase todo mundo conhece todo mundo. Ou ao menos ouviu falar. Quase sempre, sabe-se dar uma informação mesmo que imprecisa sobre alguém. Como em boa parte das cidades pequenas, quando se pergunta por uma mulher, a primeira referência é: “Ah, Maria,

de Zé!”. Em Sumé-PB, algumas mulheres são mais conhecidas ou ganharam notoriedade a partir de episódios de violência sofridos pelos seus companheiros. Por se tratar de um tabu, os casos de violência contra as mulheres ainda divide opiniões sobre ser restrito a vida familiar ou ser um tema público. Dificilmente os episódios envolvendo violência contra as mulheres são noticiadas nos jornais locais.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Em outubro 2016, no intervalo de três dias, duas mulheres foram gravemente espancadas dentro de suas residências no Município de Sumé. As notícias correram a cidade e ganharam visibilidade, tanto pelo curto espaço de tempo entre uma e outra agressão, quanto pelas imagens e relatos das mulheres agredidas que circularam nas redes sociais. Foi neste contexto de seguidas agressões, que mulheres voluntárias criaram em 2016 um grupo para discutir, dar visibilidade e buscar alternativas de enfrentamento a violência contra as mulheres. O mote para criação do grupo foi: “Não podemos continuar fazendo de conta que nada está acontecendo. Repetidos casos de violência ocorrem e rapidamente são esquecidos e naturalizados, do ponto de vista do enfrentamento coletivo!”. Após estes dois episódios passou a existir e atuar o Coletivo Viva Mulher. Inicialmente a composição do coletivo foi bem homogênea e com mulheres das diversas religiões, crenças e faixa-etária, movidas pela indignação das agressões ocorridas em um curto espaço de tempo. Passados dois anos de sua existência e pelas variadas bandeiras de lutas defendidas pela maioria de suas integrantes, algumas mulheres deixaram o coletivo, outras se aproximaram.

O grupo é formado exclusivamente por mulheres de diversas faixas etárias, ocupadas nas mais diversas profissões: estudantes, servidoras públicas, assistente social, sociólogas, etc. A decisão de incluir exclusivamente mulheres foi debatida e decidida coletivamente. Esta opção se deu em função das especificidades dos temas tratados, onde muitas vezes as próprias mulheres se sentiam intimidadas/constrangidas em relatar suas vivências de violência na presença de homens.

Uma das primeiras ações do Coletivo Viva Mulher foi a participação na Câmara de Vereadores do Município de Sumé-PB, acompanhando uma das mulheres agredidas. Trouxemos a discussão para o legislativo com o intuito de sensibilizar sobre a urgência da temática e buscando discutir políticas públicas de enfrentamento a violência contra as mulheres. Com frequência ouve-se falar em novos episódios de violência doméstica e familiar.

A presença da agredida na Câmara de vereadores chamou atenção, tanto pela coragem em trazer a discussão a público, quanto pela quantidade de hematomas que a mesma apresentava por todo o corpo. Com a palavra a agredida relatou:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

“Eu estava em minha residência quando ele arrombou a porta da cozinha e entrou em minha casa. Era noite e eu estava sozinha com minha filha adolescente. Ele foi até meu quarto e tentou me violentar. Eu gritei bastante, lutei contra ele e neste intervalo ele me agrediu gravemente. Minha filha conseguiu sair de casa e chamar uns rapazes que passavam na calçada, que imediatamente entraram em minha residência e conseguiram evitar que o pior acontecesse. A minha filha se expôs ao saiu de casa de baby-doll para pedir socorro. Após a chegada dos rapazes ele fugiu e foi até a delegacia dizer que tinha sido vítima de assalto, mas caiu em contradição e foi preso. Eu e minha filha estamos sofrendo. Ela está assustada, não consegue dormir com sensação de perseguição. Mas eu não vou me calar. A justiça vai ser feita, porque não sou eu que tenho que me envergonhar.”

À época, a Câmara de Vereadores de Sumé era composta por nove vereadores homens e duas mulheres. Na ocasião, havia apenas vereadores homens na plenária. Com a palavra, os vereadores discursaram no sentido de apoiar a vítima e se colocarem a disposição para o que ela precisasse. Nenhum encaminhamento a mais saiu naquela ocasião. A presença de representantes do Coletivo Viva Mulher na casa legislativa serviu para mostrar que a vítima não estava sozinha (de fato a agredida chegou sozinha a Câmara de Vereadores) e para demonstrar que uma coletividade está interessada em discutir e enfrentar os casos de violência contra as mulheres na cidade. Esta foi a primeira ocasião em que o Coletivo Viva Mulher apareceu em Público.

Ainda em 2016, realizamos caminhada alusiva ao dia Internacional da Não -Violência Contra as Mulheres, comemorado em 25 de novembro. Dada a comoção em que se encontrava a cidade devido aos recentes fatos de agressão que fora noticiados, houve participação massiva de estudantes, professores e militantes.

Os encontros do Coletivo Viva Mulher geralmente ocorrem uma vez por mês, aos sábados, em um local no centro da cidade. Os encontros são espaços de diálogos, desabafos, planejamento e formação. Algumas mulheres participam dos encontros uma única vez, estas geralmente buscam serem ouvidas sobre algum histórico de violência. Como uma das premissas do coletivo é nunca julgar, as mulheres se sentem acolhidas e confortadas em poder relatar episódios ou até mesmo vivências de violência doméstica e familiar.

A participação e divulgação do coletivo nas reuniões das associações de bairro foi significativa. Nestas ocasiões pudemos nos aproximar e divulgar o Coletivo Viva Mulher e a Lei Maria da Penha para espaços mais afastados do centro da cidade. Nestes espaços são reveladas as faces ocultas da violência. A ausência de políticas efetivas de enfrentamento a violência, o descaso com que as situações são tratados, os medos e até



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

relatos de gritos desesperados de socorro das vizinhas apareceram na fala das mulheres. Os relatos remetem sempre a um passado de violência, nunca ao presente, vejamos:

“ Não adianta denunciar, porque a pessoa corre o risco de morrer. Eu denunciei, pedi medida protetiva e olha o que ele me fez após isto [mostra o dedo que foi fraturado após agressão]. Porque a polícia não está o tempo todo ao seu lado para garantir que ele não vai se aproximar. Eu me senti foi mais insegura após denunciar”.

Relatos de que a polícia não chegou ou demorou muito a chegar em casos de agressão a vizinhas também esteve presente nos discursos das mulheres. Este é um fato desencorajador para as pessoas que se dispõem a ligar quando alguma mulher está sendo agredida.

As Dificuldades financeiras estão presentes no dia-a-dia do coletivo, dado o caráter de voluntariado do grupo. Este fator é desafiante, porém não é limitante para atuação. Nos dois anos de existência algumas parcerias foram firmadas: com a delegacia da mulher do Município de Monteiro-PB; com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidades – NEGES/UFCG, com a Rádio local, entre outras.

O Coletivo Viva Mulher tem atuado também na realização de palestras nas escolas e universidade, especialmente discutindo temas relacionados ao enfrentamento a violência contra as mulheres e mais recentemente discutindo sobre o aborto. Os principais canais formativos para o grupo tem sido a realização de cursos presenciais e online. A colaboração da Secretaria da Mulher e Diversidade Humana do Governo do Estado da Paraíba tem sido fundamental para as integrantes, tanto no aprendizado e troca de experiências, quanto na aproximação para cobranças de políticas públicas processo formativo do grupo. A realização do curso online “Dialogando sobre a Lei Maria da Penha” oferecido pelo Instituto Legislativo Brasileiro tem sido fundamental para formação política do Coletivo, uma vez que aborda aspectos sócio- histórico da atuação das mulheres na Sociedade Brasileira.

Outra importante ação do coletivo foi a realização de audiência pública envolvendo autoridades do município e participação popular no dia 8 de março de 2017. Foi um evento de proporções nunca antes visto para discutir o tema “Enfretamento a violência contra as mulheres”. Estiveram presentes: representantes do legislativo, o Prefeito do Município de Sumé, o juiz de direito da comarca de Sumé, a Delegada da Mulher do



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Município de Monteiro, representantes da Polícia Militar, o coordenador do NEGES/UFCG, diversas integrantes do Coletivo Viva Mulher, secretaria de saúde, assistência social e educação, entre outros.

O evento de revestiu de importância dada a massiva participação popular e as discussões estabelecidas. As falas das autoridades presentes reforçaram a necessidade de avançar no tocante ao enfrentamento a violência contra as mulheres. Com o microfone aberto ao público, diversos relatos deram conta do histórico de opressão e invisibilidade em que vivem as mulheres violentas pelos seus companheiros. Foi oportuno cobrar as responsabilidades do poder público municipal com a formação e fortalecimento de uma rede de apoio as mulheres em situação de violência.



Foto: realização de audiência pública no município de Sumé-PB, 2017.

Acervo: Coletivo Viva Mulher.

Na atuação do coletivo identificamos que as subnotificações no município são alarmantes. Diversos casos chegam até o hospital e por lá ficam, em sua maioria voltam para os lares para curar suas dores ao lado do agressor. Este é um dado preocupante, haja vista que a inexistência de uma rede de apoio dificulta para que a mulher saia do ciclo de violência.

Atuamos também de forma colaborativa em projetos de pesquisa que buscou identificar violência contra as mulheres no campo no Município de Sumé-PB e identificamos que nos espaços rurais pesquisados é ainda mais difícil o acesso as políticas de enfrentamento a violência.

Em 2018, participamos de audiência pública do Orçamento Democrático do Governo do Estado da Paraíba, onde falamos diretamente ao Governador do Estado e cobramos a instalação de um Centro de Referência especializado no atendimento as mulheres em situação de violência. Ficou encaminhado na ocasião que o centro será instalado no município.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Agradecimentos

Agradeço as mulheres do Coletivo Viva Mulher por acreditarem que é possível viver sem opressão e violência no âmbito familiar.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2010.